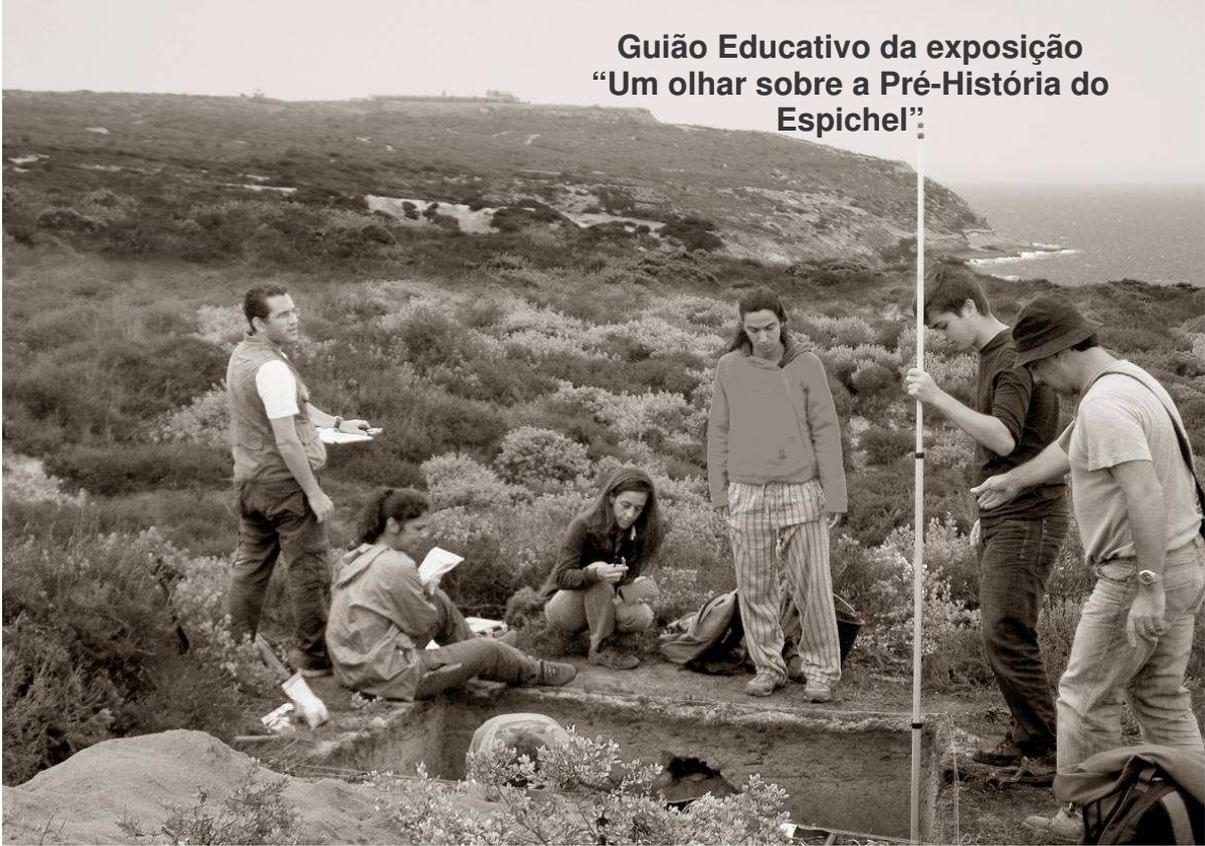


**Guião Educativo da exposição
“Um olhar sobre a Pré-História do
Espichel”**



Introdução

A exposição "Um olhar sobre a Pré-História do Espichel" foi pensada, sobretudo, para um público escolar e tem como principal objectivo transmitir as reais diferenças entre a Paleontologia e a Arqueologia. Pretende dar a conhecer a evolução paleontológica e a ocupação humana durante a Pré-História no cabo Espichel.

O projecto museológico adopta um discurso, marcadamente didáctico, suportado pelo acervo do Centro Português de Geo-História e Pré-História e pelos elementos gráficos e audiovisuais produzidos para esta exposição.

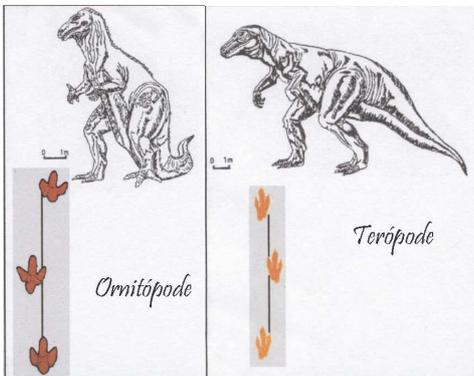
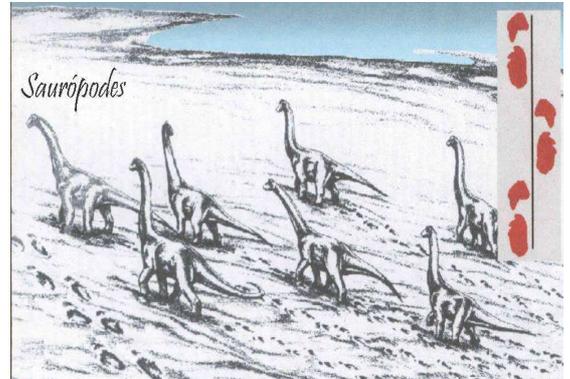
Para além da experiência visual e auditiva, pretende-se criar igualmente, uma experiência sensorial através do toque, de modo a dar também, ao visitante, uma dimensão material e de proximidade ao património arqueológico por forma que este aprenda pela descoberta de uma forma intuitiva com esta viagem ao passado mais remoto do Cabo Espichel, até agora descoberto. Assim, o visitante não é convidado só a ver, mas sobretudo a tocar, ver e compreender. Para além das vitrinas com os testemunhos do passado paleontológico e arqueológico da zona do Cabo Espichel, o visitante é convidado a tocar em fósseis e em objectos de pedra. Com esta experiência sensorial pretende-se que o visitante, não veja mais uma exposição, mas sobretudo toque e sinta os objectos do passado.

Em suma, pretende-se com esta exposição, dar a conhecer as transformações geológicas que o lugar sofreu ao longo de milhões de anos, o Espichel dos dinossauros e o Espichel do Homem, para assim compreender os seres que aí viveram no passado geológico, e o homem que depois ocupa o seu lugar durante a Pré-História.

1. O Espichel dos Dinossauros

O Cabo Espichel é constituído por sequências sedimentares calcárias (predominantes), margosas e detríticas, com idade Mesozóica (Jurássico Superior a Cretácico Inferior), que se encontram em arriba.

Nas arribas entre o Cabo Espichel e a Aldeia do Meço existem diversos fósseis de organismos que por ali viveram desde o Jurássico até ao Miocénico. Nas arribas localizadas por baixo do Santuário, existem vários trilhos de dinossauros saurópodes, que atestam o comportamento comunitário destes animais (que viviam em grupo), datados do Jurássico Superior. Estes trilhos estiveram na origem da "lenda da Pedra da Mua", responsável pelo culto mariano a Nossa Senhora do Cabo.



Um pouco mais a norte, no topo das arribas da Praia de Lagosteiros, estão outros trilhos, mais recentes (Cretácico Inferior), atribuídos a dinossauros ornitópodes e a dinossauros terópodes.

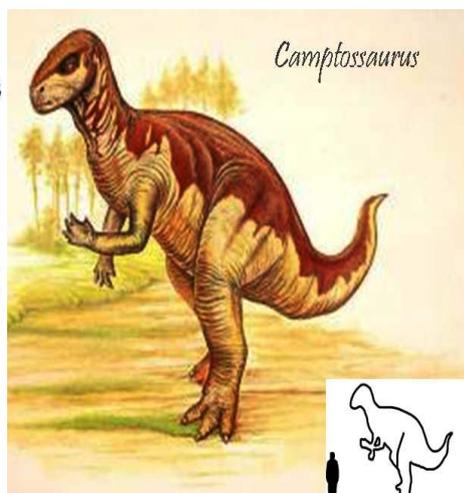
Desde a Praia de Lagosteiros à Foz da Fonte existem diferentes formações também do Cretácico Inferior, com vestígios de invertebrados, de vegetais (lignito), de dinossauros (*Megalosaurus*, *Iguanodon*, *Camptosaurus*), de tartarugas, de peixes, de crocodilos e de outros répteis.



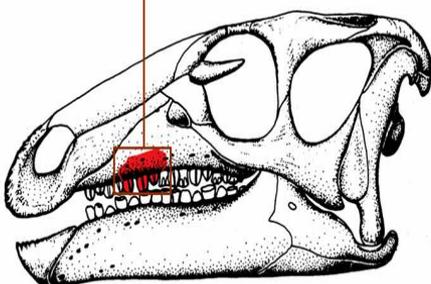
Megalosaurus



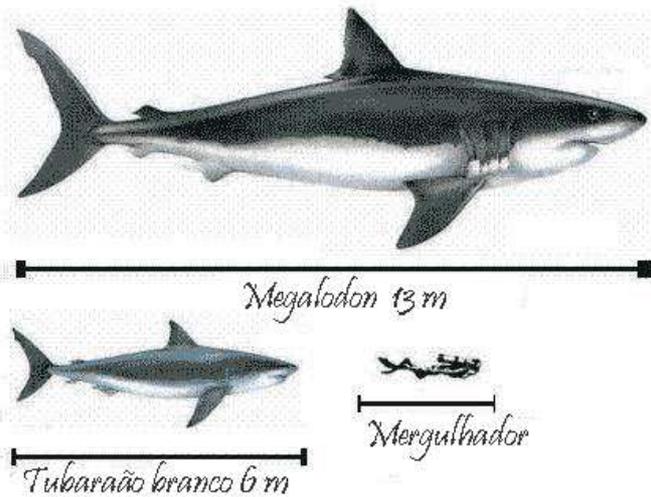
Crânio (fragmento)
Camptosaurus,
Praia das Aguncheiras



Iguanodon



Para Norte da Foz da Fonte, os terrenos são mais recentes (Miocénico) e possuem também restos fósseis de diversos organismos, tais como invertebrados, peixes, de que se destacam os dentes de tubarão (*Megalodon*), mamíferos marinhos e aves.



Na exposição podem ser observados vários fósseis relacionados com a paleontologia do Espichel na vitrina 1 e 2. Existe ainda um plinto com 3 gastrópodes “para tocar”.



Peça em destaque:
 Dente de *Pterossauro* proveinete da
 Praia das Aguncheiras

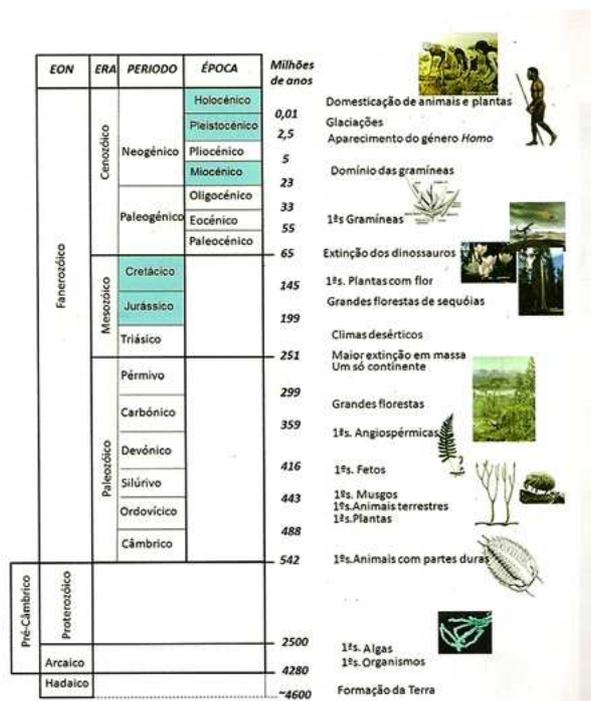


Fig. 1: Tabela estratigráfica e principais acontecimentos da história da terra. A Azul, os períodos e as épocas que ocorrem na zona do Cabo Espichel

2. O Espichel dos Homens

2.1 A Evolução Humana

Os primeiros primatas, surgidos no final do Cretácico, sobreviveram à grande extinção em massa, e evoluíram durante o Cenozóico. No Miocénico, apareceram os primeiros homínidos, em África.

Os primeiros representantes do género *Homo* surgem no registo fóssil há cerca de 2,5 Ma. São fósseis atribuídos ao *Homo habilis* (ao qual estão associadas as primeiras indústrias líticas) e a *Homo rudolfensis*. Por volta dos 2 Ma, os seus descendentes saem de África. A expansão para fora de África coincide com o aparecimento de uma nova espécie: o *Homo erectus*, que apresentam uma compleição física e proporções corporais modernas.

A partir de cerca de 500 Ka, da evolução local de populações europeias tardias de *H. erectus*, começa a surgir na Europa, os percursos do Homem de Neandertal, os *Homo heidelbergensis*. Por volta dos 180 Ka apareceram os Neandertais, que ocuparam quase toda a Europa, parte ocidental da Ásia e o Próximo Oriente. Viveram durante cerca de 150 mil anos.

Terão sido formas mais evoluídas de *H. erectus* que deram origem ao Homem moderno. Existem duas teorias que tentam explicar a nossa origem: a Hipótese Multiregional e a hipótese da origem geográfica restrita. A primeira defende que o Homem moderno teve uma origem mais ou menos simultânea nas várias regiões do Mundo a partir das populações locais de *H. erectus*, a segunda considera que uma população africana de *Homo sapiens* arcaicos se dispersou pelo mundo e substituiu todas as populações locais.

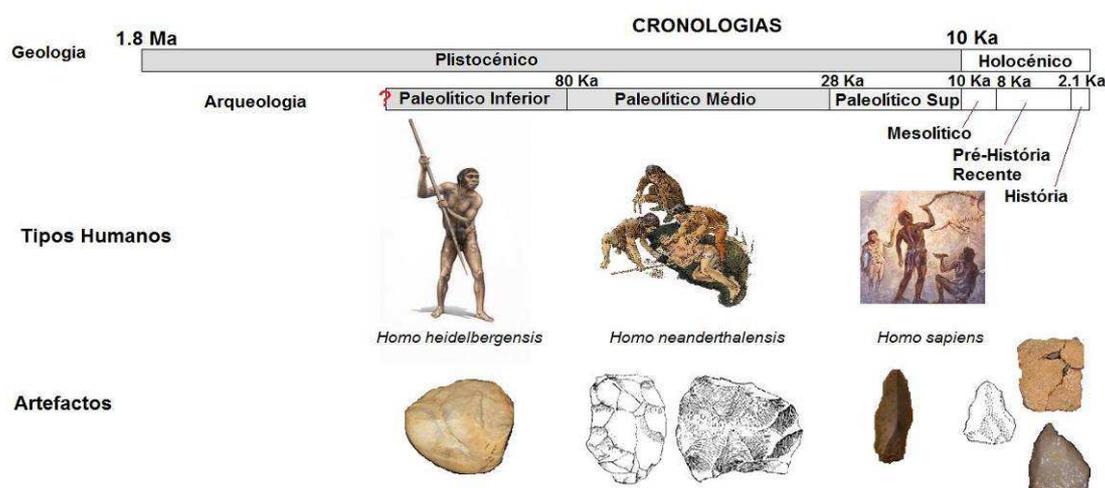


Fig. 2 – Enquadramento das jazidas Pré-Históricas do Cabo Espichel na cronologia arqueológica.

2.2 A Definição de Pré-História

A pré-história estuda a origem e a evolução física e tecnológica do homem, através do registo arqueológico. No entanto, outras ciências contribuem para o conhecimento pré-histórico: a paleontologia (das faunas quaternárias) e a arqueozoologia, a palinologia e a paleobotânica, a geologia e também as ciências físico-químicas (para as datações absolutas).

Por vezes, é referido que os fósseis são estudados pelos arqueólogos. Na verdade, são os paleontólogos que estudam os fósseis, enquanto a Arqueologia estuda apenas os vestígios materiais deixados pelo Homem.

Na pré-história o homem desenvolveu o fabrico de instrumentos, a linguagem, dominou o fogo, começou a enterrar os mortos e desenvolveu a arte e o espiritualismo. A Pré-História é dividida em Paleolítico (Inferior, Médio e Superior), Mesolítico, Neolítico e Idade dos Metais.

As indústrias de pedra lascada evoluíram no Paleolítico, em que de simples seixos lascados, se evoluiu para o fabrico de machados, a partir de grandes lascas, a bifaces. No Paleolítico Médio desenvolveu-se a indústria sobre lascas pré-definidas e os utensílios retocados, como os raspadores e os furadores. No Paleolítico Superior, as lâminas são a base das indústrias líticas. No Mesolítico surgem os geométricos e no Neolítico começa-se a fazer recipientes em cerâmica e descobre-se uma nova metodologia: o polimento de pedra.

2.3 Paleolítico

O Paleolítico é o maior e o mais antigo período da História da Humanidade. Começou há cerca de 2,5 milhões de anos, com o aparecimento das primeiras indústrias produzidas pelos Homens (*H. habilis* e *H. rodulfensis*) e terminou há cerca de 10 mil anos, com o fim da última glaciação. Decorreu durante o período geológico do Pleistocénico.

Foi caracterizado pela origem e evolução do género *Homo*, pela evolução das indústrias de pedra lascada e por sociedades de caçadores-recolectores.

Os primeiros vestígios da ocupação do Homem na zona do Espichel remontam ao Paleolítico. As várias estações arqueológicas identificadas atestam a presença de grupos de caçadores-recolectores, que deixaram alguns vestígios. A descoberta de algum material lítico atribuível ao Paleolítico atesta a ocupação humana nesta zona, desde tempos recuados.

No Cabo Espichel existem várias estações com materiais deste período: Aguncheiras, Areias de Mastro, Ribeira dos Caixeiros, Ribeira da Fonte Nova, Porto da Baleeira, Forte da Baralha, Chã das Navegantes e Espichel.



Núcleo *Levallois* de sílex
(Aguncheiras)

Peças em destaque: Núcleo e lasca *levallois*. São instrumentos de pedra lascada típicos do Paleolítico Médio e são associados à cultura mustierense, desenvolvida pelo Homem de Neandertal.



Lasca *Levallois* de sílex
(Forte da Baralha)

2.4 Mesolítico

O Mesolítico é o período da História do Homem que faz a transição das sociedades caçadoras-recolectoras, do Paleolítico, para as sociedades agro-pastoris do Neolítico. O Mesolítico, situa-se no início do período geológico do Holocénico e é composto por sociedades que ocupavam locais de forma permanente e exploravam regiões definidas. Neste período, verifica-se uma crescente importância dos micrólitos nas indústrias líticas.

No Mesolítico, o Homem ocupava sazonalmente as zonas costeiras, que continham alimento fácil, à base de moluscos. Existem alguns vestígios identificados de concheiros nesta zona, mas carecem ainda de confirmação por métodos de datação, da sua atribuição cronológica. Ainda assim, foram identificados materiais atribuíveis ao Mesolítico na Boca do Chapim Sul, Barraca do Papo Seco e nas Aguncheiras 1.

2.5 Neolítico

A palavra “Neolítico” foi usada pela primeira vez por J. Lubbock em 1865 e significa literalmente “pedra nova” (do grego *neos*=novo e *lithos*=pedra). É neste período que o Homem desenvolveu uma economia produtiva, através da domesticação dos animais e das plantas. Foi também no neolítico que se construíram as primeiras comunidades sedentárias. Ao conjunto destes desenvolvimentos tecnológicos designou-se “revolução neolítica”.

Foi no neolítico que se começou a construir grandes monumentos megalíticos (do grego *mega*=grande e *lithos*=pedra), como as antas, com funções funerárias, os cromeleques e os menires, provavelmente ligados a cultos religiosos.

Tecnologicamente começou a polir-se a pedra e a fabricar-se recipientes em barro. Mais tarde, (Idade do Cobre, do Bronze e do Ferro) houve uma mudança nas matérias-primas utilizadas, passando-se para os metais.

As primeiras comunidades de agricultores e pastores do Neolítico também procuraram esta zona, o que não é de estranhar, devido à proximidade de outros importantes vestígios, tais como os dos Pinheirinhos e da Roça do Casal do Meio. Com a fixação permanente nesta zona e o desenvolvimento da espiritualidade, o Homem começa a conferir uma maior importância aos locais de enterramento dos seus antepassados.

O Cabo Espichel, pela sua morfologia, pode ter sido utilizado como divisão entre a terra dos vivos e a terra dos mortos. Existem alguns vestígios de práticas funerárias a partir do VI/V milénio. Nas grutas situadas na vertente sul, entre Sesimbra e o Espichel, voltadas para o mar, surgiram vários artefactos funerários simbólicos. As cerâmicas da Lapa do Fumo e os vestígios osteológicos atestam esse universo espiritual.

No Cabo Espichel existem várias estações com materiais deste período, tais como, Boca do Chapim Norte, Alto da Fonte Nova, Ribeira da Fonte Nova e Barraca do Papo-Seco.



Peças em destaque: lasca de quartzo encontrada numa lareira (alto da Fonte Nova)

3- O Espichel na História

A partir do Calcolítico, surge uma nova realidade social e forma de organização da sociedade, que leva o Homem a procurar zonas mais elevadas, que poderiam providenciar uma melhor defesa natural. Os vestígios encontrados na zona do Outeiro Redondo e do Zambujal são bons exemplos das novas preocupações de uma sociedade marcada pelas lutas de poder e pela força das armas.

A Idade do Ferro está relativamente bem documentada nas terras do Risco, mais para oeste do Cabo Espichel, que se constituía como o maior povoado (sem fortificações) que se conhece desta altura.

Avieno na *Orla Marítima* denominou o Cabo Espichel, como Cabo Cêmpsico, provavelmente por ser esse o nome do povo que aí habitava. Mais tarde, o geógrafo latino Estrabão, na sua obra *Geographia*¹ chamou a este local *Promontorium Barbaricum*.

A presença romana no Cabo é diminuta. Este facto talvez seja explicado pela simbologia que os Romanos conferiam aos cabos, uma vez que acreditavam que estes sítios seriam sagrados, onde os deuses se reuniram à noite. No entanto, existem alguns vestígios do culto imperial romano na Lapa do Bugio, situada no Zambujal, mais próxima de Sesimbra.

Até ao momento não foram encontradas, no Cabo Espichel, evidências arqueológicas que comprovem a presença muçulmana, mas na toponímia local existem algumas marcas, como, por exemplo, o nome de Azóia, que deriva de *Al Zawiya*, que significa ermida. Foram também encontradas algumas moedas muçulmanas cunhadas em Silves, na Lapa do Fumo e algumas cerâmicas atribuídas a anacoretas, na Lapa do Forte do Cavalo e na Lapa do Coelho.

Durante a idade Média, surgiram várias lendas que comprovam a atracção que este sítio exerce sobre as pessoas. Uma lenda com uma mensagem política associa o cabo à fundação da nacionalidade. De acordo com a lenda, a 29 de Julho de 1180, ao largo do Cabo Espichel, Dom Fuas Roupinho terá conseguido a primeira vitória naval do recém criado reino de Portugal sobre os mouros.

As lendas relacionadas com culto de Nossa Senhora da Cabo têm várias versões, algumas delas mesmo contraditórias, pelo que situar cronologicamente o culto no tempo, acaba por ser complicado.

É possível que o culto a Nossa Senhora do Cabo resulte de uma cristianização de outros cultos anteriores, que desde a pré-história até ao domínio muçulmano tinham sacralizado local.

O culto a Nossa Senhora do Cabo é certamente medieval, provavelmente do século XIII, mas a primeira fonte histórica escrita sobre este culto data do século XIV, mais propriamente de 1366 e trata-se de uma carta régia de D. Pedro I.

Outra lenda medieval sobre o cabo conta que em 1215 uma embarcação que seguia em direcção a Lisboa, foi apanhada numa grande tempestade que levou a tripulação ao desespero. Haildebrat (capelão da embarcação) decidiu rezar a uma imagem que tinha no camarote quando verificou que mesma tinha desaparecido. Desesperado pede ajuda divina e de repente toda a tripulação vê no alto do Cabo uma luz tendo a tempestade amainado. Mais tarde, quando chegaram a terra encontraram a imagem desaparecida do barco.

¹ Livro III, dedicado à Ibéria.

As fontes históricas relatam ainda outras variantes da origem da lenda de Nossa Senhora do Cabo.

Uma lenda, descrita por Frei Agostinho de Santa Maria em "Santuário Mariano" do início do século XVIII, refere que a descoberta da imagem foi feita por homens da Caparica que iam a este local cortar lenha.

Já no século XIX, Frei Cláudio da Conceição na "Memória da Prodigiosa Imagem de Nossa Senhora do Cabo", atribui a descoberta da imagem a um velho de Alcabideche e a uma velha da Caparica. De acordo com esta lenda o culto de Nossa Senhora do Cabo remonta a cerca de 1410, ano em que terá sido descoberta a venerada imagem de Nossa Senhora do Cabo. Segundo a lenda uma "jumentinha" terá saído das águas do mar e subido até ao planalto carregando às suas costas a imagem de Nossa Senhora, facto que explicaria as pegadas de dinossauro.

A lenda da Pedra Mua, na origem da fundação do Santuário da Senhora do Cabo, revela um interessante caso de recuperação, pela religiosidade da gente do povo, de um fenómeno natural, estranho à cultura popular, os trilhos de pegadas de dinossauros, que estão na origem num culto cristão.

A ermida da Memória, construída provavelmente no século XV, era o local por excelência onde se começaram a realizar grandes romarias para ver a imagem de Nossa Senhora do Cabo. A pequena ermida foi-se tornando pequena para tantos romeiros que se deslocavam ao local. No século XVIII, o planalto do Espichel altera-se com sucessivos programas de ampliação e redecoração da Igreja de Nossa Senhora do Cabo, promovidos no reinado de D. Pedro II (Devoto da Senhora do Cabo) e por D. José.

O Espichel tornava-se ainda mais místico, pois a cenografia Barroca tornava o local ainda mais visível à distância. O esplendor máximo das festividades do Cão Espichel ocorreu no final do século XVIII, mais propriamente em 1770 em que se realizaram no Espichel monumentais celebrações, a que assistiram a Família Real e toda a grande nobreza do Reino e em 1784 com a deslocação da rainha a D. Maria I ao santuário.

As festas da Sra. do Cabo, tendo tido grande participação das gentes da região lisboeta foram famosas até finais do Séc. XIX, altura em que entraram em decadência.

Em 1887 terminou a tradição de as freguesias se deslocarem em peregrinação anual ao Cabo Espichel, atravessando o rio Tejo entre Belém e Porto Brandão, e daí seguindo pelas praias ou por terra até ao santuário, onde decorriam as cerimónias de entrega ou recepção da Imagem Peregrina.

Outra romaria, que mobilizava, no início do séc. XX, quase toda a população da antiga aldeia piscatória da Costa de Caparica, deixou de se realizar em 1950.

Com as transformações sociais e mudanças de mentalidade do nosso século as festas de religiosidade popular parecem ter perdido o fulgor de outros tempos. No entanto o Espichel numa relação peculiar entre o espaço sagrado e profano que faz perdurar a sua auréola mística.

Neste território agreste e marcado pelo vento, releva-se um Património rico e diverso, que testemunha deste tempos imemoriais a ocupação humana deste local.

Glossário:

Anticlinal – Termo usado em geologia estrutural, que define uma dobra convexa de estratos geológicos mais antigos, na direcção dos estratos mais recentes.

Balastros marinhos – Seixos erodidos pelo mar, que têm uma forma chata, em que a espessura é substancialmente mais pequena que a largura e o comprimento.

Biface – Utensílio lítico paleolítico fabricado, sobretudo, na cultura Acheulense (Paleolítico Inferior), embora tenha uma cronologia muito mais longa, chegando ao início do Paleolítico Médio. O seu talhe é, geralmente, bifacial (nas duas faces), de morfologia amendoada e tendente à simetria segundo um eixo longitudinal e segundo um plano de lascamento.

Carbono 14 (datação) – Método de datação absoluta descoberta nos anos 40 do século XX por Willard Libby e desenvolvida nos anos 50. Este método baseia-se no princípio de que a quantidade de ^{14}C dos tecidos orgânicos mortos vai diminuindo para metade a um ritmo constante com o passar do tempo (num período de cadência de 5720 anos). Assim, a mediação dos valores de ^{14}C num objecto orgânico antigo (madeira, conchas, ossos, etc) indica os anos decorridos desde a morte do organismo. O Método do ^{14}C , só data elementos até cerca de 35Ka, uma vez que os restos com idade superior têm uma quantidade de ^{14}C tão pequena, que não é detectável.

Círio – Vela de cera de grandes dimensões, em serviço da igreja ou círio pascal. Porém, era costume as romarias levarem círios aos santos que festejavam e daí passaram a designar-se também por círios os próprios cortejos de romeiros.

Cretácico – Período geológico da era mesozóica, que começou há cerca de 145Ma e terminou há cerca de 65Ma.

Depósitos plio-pleistocénicos – Depósitos sedimentares que se formaram durante o Pliocénico (5-2,5Ma) e o Pleistocénico (2,5Ma-10Ka).

Depósitos sedimentares – Local onde os sedimentos se acumularam e onde sofrem os processos de diagénese (conjunto de transformações químicas e físicas que transformam um sedimento numa rocha) gerando uma rocha sedimentar. Os depósitos sedimentares são organizados em sistemas deposicionais, de acordo com os ambientes nos quais foram depositados.

Dinossauros ornitópodes – Grupo (subordem) de dinossauros herbívoros, pertencente à ordem dos ornitíscios (dinossauros com cintura pélvica idêntica à das aves) e que tinham os pés com uma fisionomia semelhante aos das aves. Atingira o seu auge no Cretácico e a sua maior vantagem evolutiva foi o desenvolvimento progressivo do aparelho mastigatório, que se tornou o mais sofisticado e em que as mandíbulas possuíam “baterias” de dentes, que eram substituídos à medida que se gastavam.

Dinossauros terópodes – Grupo (subrdem) de dinossauros bípedes, pertencentes à ordem dos sauríscios, constituído essencialmente por espécies carnívoras (apesar de também existirem algumas espécies omnívoras e muito poucas herbívoras). Apesar de terem quatro dedos nas patas traseiras, as suas pegadas são tridáctilas, pois só assentavam três dedos no chão. Foi um grupo destes dinossauros (os maniraptora), que deu origem, no Jurássico, às aves.

Esquírola – Resto de talhe inferior a 3cm (para o Paleolítico Médio) e a 1cm (para o Paleolítico Superior).

Gregário (comportamento) – Modo de vida em grupo.

Holocénico – Época geológica do período neogénico, que começou há cerca de 10ka. É a actual época geológica.

Jurássico – Período geológico da era mesozóica, que começou há cerca de 199Ma e terminou há cerca de 145Ma.

Lâmina – Artefacto de pedra lascada, em que o comprimento é substancialmente maior que a largura. Começaram a ser feitas a partir do Paleolítico Superior.

Lasca – Artefacto resultante do lascamento dos líticos, a partir dos quais se faziam utensílios, através do retoque.

Levallois- nome de técnica de fabrico de instrumentos de pedra lascada típicos do Paleolítico Médio e são associados à cultura mustierense, desenvolvida pelo Homem de Neandertal.

Miocénico – Época geológica do período neogénico, que começou há cerca de 23Ma e terminou há cerca de 5Ma.

Neogénico – Período geológico da era cenozóica, que começou há cerca de 199Ma e terminou há cerca de 145Ma. É o período geológico em que vivemos.

Núcleo – Resto lítico, a partir do qual se obtinham as lascas, lâminas (núcleo de lâminas) ou lamelas (núcleo de lamelas).

Pleistocénico – Época geológica do período neogénico, que começou à cerca de 2,5Ma e terminou há cerca de 10ka.

Quartzito – Rocha metamórfica, cujo componente principal é o quartzo. Para além deste mineral são também constituintes do quartzito a moscovite, a biotite, a sericita, a turmalina e a dumortierita. Apesar de ter outras origens, o quartzito pode ser formado a partir de arenitos quartzosos. A sua formação é, normalmente, a partir de produtos de segregação metamórfica.

Quartzo – Mineral, pertencente ao grupo dos tectossilicatos. É o segundo mais abundante na Terra, seguindo-se aos feldspatos. Possui estrutura cristalina trigonal composta por tetraedros de sílica (dióxido de silício, SiO₂).

Setentrional – Do latim: *septentrionale*, é uma qualificação que abrange tudo o que se refere a norte ou boreal. Raramente usada em inglês, a palavra setentrional é muito comum nas línguas latinas e nas românicas.

Sílex – Rocha sedimentar silicatada, muito dura, constituída de quartzo criptocristalino e com densidade elevada. Apresenta-se de várias cores (cinzenta, castanha, negra, entre outras) e é geralmente compacta. Fractura-se de forma concoidal (por isso muito utilizada no fabrico de utensílios pré-históricos). Ocorre sob a forma de nódulos ou massas em formações de giz ou calcário. Pode apresentar impurezas várias como argilas, carbonato, silte, pirite e matéria orgânica.